

O pensamento de Werner Sombart na Economia Política

Benedito da Silva

Professor Doutor do Departamento de Economia da Universidade Estadual de Maringá

ABSTRACT

The article explains the conception of Werner Sombart, one of the three germanies social scientists who studies the capitalism as process of production and way West Civilization's thinking. Sombart, as well as Marx and Max Weber, tries to understand the reason why capitalism was born in Occidental Europe, and searches an way to explain the reason for the existence of capitalism as system of production of long life duration, given its dynamism. Being the capitalism crossing nowadays, a terrible moment of changes in tecnology and in the conception of way of life, the works of Werner Sombart are very fruit bearing for the social scientists who are working with the economics and psychological aspects of the "Homo Occientalis" in the formation of capitalism as an economic system, to uderstarid the reason why does exist the crise in the world economics nowadays, especially those in the area of Political Economics.

Embora não tenha, o economista e cientista social, Werner Sombart, formado nenhuma escola econômica, e muito menos a nenhuma delas pertencer, seu pensamento concernente à ciência econômica é universalmente conhecido; considera-se como um dos três principais teóricos do capitalismo: o filósofo e economista alemão Karl Heinrich Marx (1818-1883), o sociólogo alemão Max Weber (1864-1920) e Werner Sombart (1863-1941), também alemão, economista e sociólogo. No Brasil, o conhecimento das obras de Werner Sombart, praticamente se restringe a um círculo de intelectuais questionadores da ordem estabelecida pelo capitalismo internacional e suas formas de organização da produção. Esta "élite" restrita ou "intelligentsia" brasileira privilegia-se dos conhecimentos de Werner Sombart, graças a seus conhecimentos dos idiomas: castelhano, francês, italiano, inglês e alemão. Os indícios indicam que as obras de Werner Sombart não se encontram

disponíveis no Brasil na língua de Luiz Vaz de Camões, sendo inacessíveis à maioria dos intelectuais brasileiros em formação.

Werner Sombart, como economista, sociólogo e cientista social, tem uma vida produtiva de mais de meio século, com uma produção intelectual, em quantidade e qualidade, à altura dos demais intelectuais de sua estirpe. Estudou o capitalismo como um fenômeno social, tomando em considerações a mobilidade e a estratificação social. Viveu os períodos críticos econômicos mundiais, da formação do Império Germânico ao "Avant-Guerre" ideológico, econômico e político, entre os blocos à procura de estabelecer uma nova ordem econômica e política, diferente da então reinante. Esse período foi de grandes avanços nas ciências e tecnologias e nas formas de organização e distribuição dos bens produzidos pelas sociedades.

É importante que os acadêmicos em formação em Ciências Econômicas tenham conhecimento do pensamento do economista, sociólogo e cientista social Werner Sombart, principalmente dado o espaço e tempo em que viveu. Uma Alemanha em formação de seu Estado Nacional, com um modelo de desenvolvimento diferenciado do livre cambismo; uma revolução tecnológica nos meios de produção em que a indústria pesada passa a predominar na economia; um Estado que nasce centralizado e preocupado com a questão social; uma guerra em que pela primeira vez os conhecimentos científicos participam com todo seu político/bélico, desorganizando o estado centralizado mostrando a força das massas nas suas reivindicações. A primeira tentativa de organizar o Estado Socialista, pondo em prática pela primeira vez na história uma teoria econômica saída da pureza do pensamento acadêmico.

Werner Sombart vive no espaço de tempo da passagem da pulverização do capital em pequenas e médias empresas para sua concentração nas

Sociedades Anônimas; da indústria leve para a pesada; da cartelização da economia com seu zoneamento de mercados nacionais e internacionais como forma de realização da produção; e no espaço físico de uma Alemanha emergente como Estado Nacional a procura de seu Espaço Econômico, organizando sua economia diferencialmente das economias avançadas da Europa Ocidental e, principalmente, das americanas. Algo similar ao que ocorre no presente com as organizações das economias asiáticas, principalmente a japonesa e a chinesa e as demais que fazem parte do conjunto chamado "Tigres Asiáticos".

Com a crise da aplicação da teoria marxista na prática no campo econômico, político e social, por motivos que somente as relações econômicas e políticas, ou melhor, a geopolítica-econômica, podem encontrar uma explicação, é importante que os acadêmicos brasileiros em formação, tenham conhecimento do pensamento de um cientista social e economista que dedicou parte de sua vida à razão dos avanços econômicos e conflitos reais dos interesses da humanidade. Principalmente, nessa passagem de "transição tecnológica" em que se encontram principalmente as "Sociedades Maduras" e, por reflexo as sociedades menos dotadas de tecnologia. As "consumidoras" e não "geradoras" de tecnologia. As chamadas "periféricas" como a brasileira que se desenvolve sob o reflexo das adiantadas, tecnologicamente.

A sociedade universitária, criadora de conhecimentos, questionadora do objeto em relação ao sujeito, e formadora de futura "intelligentsia" nacional ou internacional, neste momento de transição política, econômica ideológica e até mesmo de existência da espécie, tem de manter sua secular posição de "Foyer" de conhecimentos. O corpo discente das universidades brasileiras, futuros membros da "intelligentsia" nacional ou internacional, não pode se limitar à irradiação de conhecimentos de um único "centro de excelência", principalmente os acadêmicos de Ciências Econômicas. Pois, pode ser um excelente centro para sua "realidade micro universal" e deixar a desejar a grande "macro universal". E neste momento em que o "Neo-liberalismo", capitaneado pela "Intelligentsia" da Escola de Chicago, procura ser a "Razão Máxima dos Conhecimentos em Economia" não somente para as avançadas, como também para as menos dotadas em tecnologia, é

necessário que o acadêmico de economia tenha acesso aos conhecimentos em economia de todos os cientistas sociais que tratem do assunto, incluindo os do economista, sociólogo e cientista social Werner Sombart, para conscientizar-se de que a verdade universal não é absoluta e sim relativa. Que a ciência econômica não é uma ciência natural, onde prevalece a "lei da competição natural". E que sua formação só é completa dentro do contexto da existência do homem, e não fazendo parte de uma "peseudo-intelligentsia", repetindo um aprendizado sem questioná-lo; e sim um membro da sociedade que com seus conhecimentos procure o aperfeiçoamento da relação entre a produção, o consumo e o Homo Universalis como sujeito e não objeto da teoria econômica.

Werner Sombart nasceu em Ermsleben, em 19 de janeiro de 1863 e faleceu em Berlim em 18 de maio de 1941. Sua juventude coincide com a formação do Estado Nacional Alemão; assiste toda transformação política, econômica e social da Alemanha unificada e sua catástrofe com a Primeira Guerra Mundial. Atravessa todo o período turbulento da República de Weimer e falece no auge do Nacional Socialismo Alemão.

Durante sua formação intelectual estudou direito e economia política em Berlim e Pisa. Filosofia e história em Berlim e Roma. Formou-se em Direito, em 1888. Entre os anos de 1888 e 1890, foi síndico da Câmara de Comércio de Bremen. Em 1890, passou a lecionar economia política em Breslau como professor auxiliar; mas já em 1906 ocupou a Cátedra de Economia, na Handelshochule (Escola Superior de Comércio de Berlim); e, em 1917, ocupou a Cátedra de Economia Política, na Universidade de Berlim.

Intelectualmente, Werner Sombart está inserido no contexto dos intelectuais liberais alemães. Seu pai, Antonio Luis Sombart, foi um político liberal que participou na formação do Estado Unificado Alemão. De 1861 a 1893, Luis Sombart foi membro do Congresso Prussiano de Deputados, no qual aderiu à facção liberal nacional. Também foi membro do Parlamento de Aduanas do Reichstag do Noe, e até 1879 do Reichstag Alemão. O grande mérito de Antonio Luis Sombart estriba no fomento da colonização interior da Alemanha, favorecendo o assentamento de colonos alemães e os amparando pela Lei Prussiana de 1890 (Lei Prussiana de Rendas sobre as Terras, de 27 de junho

de 1890), lei que leva o seu nome, que permitiu transformar grandes extensões de terras senhoriais em unidades produtivas capitalistas. Hoje, orgulho dos alemães dado o fortalecimento da Alemanha Central, a Alemanha do interland com seus "Dorff" (povoado) e pequenas e médias propriedades de alta produtividade.

Antonio Luis Sombart, além de político, foi agricultor, industrial e homem de cultura científica. Nasceu em 1816 e morreu em Elberfel a 20 de janeiro de 1898. Iniciou suas atividades econômicas como agricultor, tendo inclusive dedicado à agronomia como meio de tornar a Alemanha um Estado forte nos abastecimentos internos de alimento. Chegou mesmo a fundar uma fábrica de açúcar de beterraba em Ermsleben, produto de dependência das importações para suprir às necessidades por açúcar da Alemanha, que foi a sua principal atividade como industrial e a dirigiu até 1875, quando translada para Berlim, para dedicar-se exclusivamente à política. Como político, Luis Sombart inicia sua carreira em Ermsleben, onde foi Burgo-Mestre entre os anos de 1848 a 1850, a partir de onde vem a ser membro do congresso prussiano até 1893, antes de se retirar por idade avançada. Viveu o suficiente para influenciar na formação integral de Werner Sombart, tal como reza a tradição germânica; uma educação holística e não parcial da realidade socioeconômica e política da sociedade e da humanidade. De tal forma, Werner Sombart é um dos poucos intelectuais alemães que 1894 saúda a publicação do terceiro volume de "O Capital" de Karl Heinrich Marx, como um grande acontecimento intelectual. E sua obra *Sozialismus und Soziale Bewegung im 19 Jahrhundert* (1896: Socialismo e Movimento Social no século XX) é o primeiro livro de um professor universitário alemão a reconhecer a importância do marxismo. No prefácio do terceiro volume de sua obra, considerada por alguns intelectuais, como a mais importante de toda sua produção acadêmica: "Der Moderne Kapitalismus" (O capitalismo Moderno - 1908), afirma continuar a completar a obra de Marx.

Werner Sombart dedicou várias monografias às causas que fomentaram o capitalismo, entre elas se encontraram:

- Die Juden und da Wirtschaftsleben, 1911 (Os judeus e a vida econômica);
- Luxus und Kapitalismus, 1912 (Luxo e Capitalismo);

- Krieg und Kapitalismus, 1913 (Guerra e Capitalismo);
- Der Drei Nationalökonomien, 1930 (As Três Econômicas Políticas);
- Deutscher Sozialismus, 1934 (Socialismo Alemão).

Dentro de uma rotulação acadêmica, Werner Sombart está próximo da Escola Histórica Germânica de Economia. Através do método histórico de abordagem estudou o capitalismo como um fenômeno social, onde os fatores subjetivos dos agentes sociais, na sua dinâmica desempenham um papel objetivo no desenvolvimento econômico. Para Sombart, a estratificação social nunca é perene, estando a sociedade em constante mutação. A ascensão social pode ser considerada como um dos motores que move o homem na sociedade. Isto porque o homem procura a riqueza, e onde está a riqueza, lá está o homem à procura de elevar seu status econômico, político e social. O capital atrai a mão-de-obra, não porque o homem gosta de servir como mão-de-obra, mas porque o capital traz riqueza; e o que o homem quer é participar da riqueza e não servir ao capital. E se existe "riqueza natural" que dependa da ação do homem para tornar-se em riqueza social, pelo tanto em capital, e que os meios materiais os permita, lá se encontra o homem colocando o espaço econômico em movimento. Para o homem, segundo o modo de ver de Sombart, não existe espaço econômico vazio. O que determina um espaço econômico estar vazio ou não, é o avanço da ciência e da tecnologia. Pois, pelo seu espírito de procura da riqueza, já está ocupado.

No início de sua carreira, Werner Sombart, auto-intitulou-se socialista e marxista, chegando inclusive a afirmar, no prefácio do terceiro volume de sua obra, considerada mais importante, "Der Moderne Kapitalismus"; 1902-1908 (O Capitalismo Moderno), continuar a completar a obra de Marx. Mas para os marxistas ortodoxos, principalmente os ligados à "Escola Marxista Leninista de Moscou da ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas", a idéia central de Sombart é de que o capitalismo é um processo evolutivo pacífico a caminho de uma sociedade "pluralista" havendo espaço para a convivência entre o socialismo e o capitalismo social; tendo o capitalismo, no seu processo de mutação, uma longa vida. Sendo o principal conteúdo de sua "doutrina", a perpetuação do capitalismo e anegação das crises

gerais do sistema capitalista. Por conseqüência, nega a inevitabilidade da substituição do capitalismo pelo socialismo. Consideram também que a "Escola Neo-Kantiana de Baden" forneceu os elementos básicos para o pensamento socioeconômico de Sombart. Em que o subjetivismo sobrepõe-se ao objetivismo de Marx. Pelo tanto, embora o considerem merecedor de fazer parte do dicionário de filosofia da "Escola Marxista de Moscou", não o consideram como um seguidor de Marx.

No ocidente, a sua obra **Die Juden und das Wirtschaftsleben**; 1911 (Os judeus e a Vida Econômica), em que Sombart discute a contribuição da comunidade judia no desenvolvimento capitalista, é considerada por alguns intelectuais como preconceituosa, tal como expressam os autores do dicionário de economia "Everyman's Dictionary of Economics", Arthur Seldon e F.G. Pennance; obra publicada por J.M. Dent & Sons Ltda., Londres-1975: onde no seu devido verbete reza "... analisou o desenvolvimento do capitalismo através do método histórico de abordagem, e, em *Die Juden und das Wirtschaftsleben*, fez uso significativo de conceitos raciais." no Brasil a obra de Arthir Seldon e F.G. Pennance foi traduzida por Nelson de Vincenzi e publicada pela Bloch Editores S/A, 1975. O mesmo comentário sobre a referida obra de Werner Sombart se encontra no dicionário de economia da série "Os Economistas", da Abril Cultural, 1985"; quando se lê: "Entre suas obras destacam-se ainda *Die Juden das Wirtschaftsleben*, (1911) (Os judeus e a Vida Econômica), em que fez uso destacado de conceitos racistas ..."

Com o advento do Nacionalismo Socialista Alemão, Sombart sofre um impacto com a ascensão do nazismo e procura alterar suas teorias, principalmente, a referente à participação dos Judeus na história econômica. E em 1934, publica *Deutscher Sozialismus* (Socialismo Alemão).

Dentre as obras de Werner Sombart que se encontram disponíveis nas bibliotecas brasileiras (mas não traduzida para o português), principalmente nas segintes: biblioteca da Pontificie Universidade Católica do Rio de Janeiro- RJ; biblioteca da Escola de Administração Getúlio Vargas - RJ; biblioteca da Escola Superior de Guerra - RJ existem as que segue:

- Warum gibt es in den Vereinigten Staaten Keinnen Sozialismus?; 1905. This work was originally published in 1906 by the Verlag von J.C.

Mohr (Paul Siebeck) of Tübingen. Translated by Patricia M. Hocking and C.T. Husbands, 1976, with the title: **Why is there no socialism in the United States?** the publisher: The Macmillan Press Ltd 1976-901 North Broadway, White Plains, New York 10603.

- *Der Moderne Kapitalismus*, 1902 (El Apogeo del Capitalismo; libros primero y segundo), versión directa de José Urbano Guerrero; y libro tercero versión directa de Vicente Caridad d.R. 1946, Fondo de Cultura Económica. Av. de La Universidad 975; 03100 México, D.F. - ISBN 968-16-1619-7 (General) - ISBN 968-16-1621-9 (Tomo II). impreso en México.

- *Luxus und Kapitalismus*, 1912 (Lujo y Capitalismo. Versión directa de J.A. Garcia Martinez; Buenos Aires, 1958. Guillermo Davales-Editor, 1958.

- *Der Bourgeois*, 1913 (Le Bourgeois. Contribution a L'Histoire Morale et Intellectuelle de L'Homme Économique Moderne, traduit de l'allemand par le Dr. S.Jankél Évitch). 106, Boulevard St-Germain. Payot, Paris-1926.

- *Soziologie en Quellenhandbucher der Philosophie*, 1915 (The Quintessence of Capitalism: A Study of the History and Psychology of the Modern Bussiness Man). Translated and Edited by M. Epstein. New York-Howard Fertig, 1967.

- *Das Wirtschaftsleben in Zeitalter das Hochkapitalismus*, 1928 (La Industria; traducción del alemán por Manuel Sánchez Sarto-1931). Editorial, Labor, S.A.: Provenza, 88, Barcelona - Buenos Aires.

- *NOOSOZIOLOGIE*, 1956. Publicação póstuma por Duncker y Humblot, Berlín, 1956; sob a orientação de Nicolás Sombart (Noosociologia, traducción del Alemán por Jesus Tobio Fernandez). Instituto de Estudios Politicos - Madrid, 1962.

Para Sombart, a atividade econômica, como todas as atividades humanas, se manifesta na relação entre o sujeito e o objeto. Todo ato do homem à procura de seu bem-estar, implica uma modificação da natureza; e que por trás do trabalho, por mais insignificante que seja, ou mais nobre que possa considerar, encontra a "alma humana". O corpo econômico de uma sociedade se encontra nas formas de produção, distribuição e organização econômica da sociedade, no interior da qual o homem satisfaz com sua ajuda (a da sociedade) suas necessidades econômicas, tendo em consideração o ambiente externo. Ao corpo econômico se contrapõe o espírito econômico, que é a capacidade

e atividade psíquica que intervêm na vida econômica: manifestação de inteligência, traços de caracteres, fins e tendências, juízo de valor, princípios que determinam e regulam a conduta do homem econômico.

Os fatores espirituais para Sombart são de duas ordens, subjetiva e objetiva. A subjetiva trata-se das faculdades psíquicas do homem diante de certo ramo de atividade em que os aspectos subjetivos prevalecem: a prudência ou a energia, a honestidade ou o amor à verdade. Máximas gerais que considera ser universal. Todos os homens se encontram na encruzilhada da ação e da prudência, da honestidade e do amor a verdade. O fator objetivo se manifesta na atividade econômica (embora o subjetivo não possa ser descartado, ele pode interferir), o uso específico do cálculo e métodos de contabilidade na economia. O homem econômico agindo friamente pela lógica racional. Mas que a razão econômica não se manifesta da mesma forma em todos os homens, mesmo quando desempenham suas atividades econômicas. O espírito que animou a vida econômica dos artesãos da Idade Média não é o mesmo que anima a dos empresários norteamericanos de hoje. E se pode dizer que existem consideráveis diferenças no ponto de vista de suas atitudes em relação à vida econômica, entre um pequeno comerciante, um grande industrial e um financista. A lógica econômica e o objetivo econômico não são os mesmos, cada qual tem sua visão capitalista e do capitalismo.

A vida econômica para Sombart não se resume na universalização do ganho ou do lucro empírico; que a diferença entre a ação de um artesão e de um banqueiro de Wall Street se diferencia somente em grau, que ambos almejam o lucro. A essa universalização ele responde que entre essencialmente empírica e a ação essencialmente racional, não existe somente uma diferença de grau; e que é mesmo impossível reduzir a uma simples diferença de grau, quando existe um sujeito que age dentro de suas possibilidades econômicas por considerações puramente sentimentais e um sujeito que se deixa guiar pela razão fria do cálculo.

É fácil de entender a distinção que Sombart faz entre o sujeito que age dentro das possibilidades econômicas, por considerações puramente sentimentais e o sujeito que se deixa guiar pela razão fria do cálculo, quando se lê a obra de Philippe Aziz "El Oculto Poder Económico de los Nazis", publicada

pelo: Círculo de Amigos de la Historia, S.A. Editores; Conrado del Campo, 9 y 11 - Madrid-27. Obra na qual o autor expõe a racionalidade empírica, fria e calculista da economia dos Campos de Concentração durante o regime do Nacional Socialismo Alemão. Onde nada se perde e tudo se transforma em pecúnia de guerra. Como a racionalidade contábil foi aplicada numa planificação objetivada para que os próprios prisioneiros cubrissem seus gastos de estadia nos campos. Onde o homem não somente servia como instrumento de trabalho, como também matéria-prima para o objeto de trabalho. Onde a lei de Lavoisier, um dos pilares do capitalismo moderno, funcionou na sua plenitude. Considerando como pilares do capitalismo moderno, o tripé: a contabilidade (racionalismo), a lei de Lavoisier (nada se perde e tudo se transforma; reciclagem da matéria-prima, onde se encaixa a ciência e a tecnologia) e o direito à propriedade privada (sacro santo direito do homem de fazer o que lhe bem entender com aquilo que considera de seu direito privado, incluindo o capital social criado pela sociedade como um todo).

As diferenças que Sombart estabelece entre as épocas econômicas são fundadas em certos fatores espirituais, mas sem perder de vista a estrutura econômica exterior da época. Os conceitos como: idéia de alimentação, do amor, do ganho, do lucro, do racionalismo econômico, da tradição, da felicidade etc. são importantes para determinar o sujeito econômico da época, principalmente seus traços psicológicos. Pois, antes de tudo, o homem é um ser vivo. O racionalismo econômico, por exemplo, pode ser mais ou menos acusado num dado sujeito econômico; e pode não ser associado à sede do ganho exagerado, ou mesmo estar ou não atrelado a uma concepção rigorosa do que se chama "lealdade comercial". Um dado espírito econômico domina uma época desde que seja justificado de uma forma geral pelo conjunto da ação econômica. Mas isso não significa que na mesma época não exista indivíduos com diferentes orientações e espíritos econômicos opostos. É o que ocorre no mundo ocidental com a chegada dos povos germano-eslavo-célticos, os quais contribuíram substancialmente, na transformação do pensamento econômico da época, contribuindo para que a Europa saísse do pré-capitalismo e entrasse na era do pensamento capitalista. Para Sombart, as raízes do espírito capitalista se en-

contram nos primeiros séculos da Idade Média, o que não quer dizer que um espírito análogo não tenha existido nas antigas civilizações, a questão é que para o mundo europeu medieval constituiu um fato novo que encontrou as condições para o seu desenvolvimento.

Dentro do pensamento econômico de Sombart, o homem natural é o homem tal como "Deus criou"; o homem em carne e osso. É ele a "medida de todas as coisas": *mensura omnium rerum homo*. Sua atitude diante da economia é a de satisfazer suas necessidades naturais; o que constitui o ponto de partida de todas as atividades econômicas. Sua mentalidade é do homem pré-capitalista, vivendo numa economia de "despesa". A quantidade de bens consumido deve ser igual à quantidade produzida. A quantidade que recebe deve ser igual à quantidade que gasta. O excedente não entra na "contabilidade". Sombart considera todas as economias pré-burguesas como sendo economias de "despesa". Uma economia de subsistência. A idéia de subsistência nasce nas florestas da Europa dentro das tribos em processo de sedentarização. De acordo com esta idéia, toda família tinha o direito a uma parte da terra com pastagens e floresta para cobrir suas necessidades primárias. A economia não tinha outro objetivo a não ser o de satisfazer às necessidades individuais. Mas dentro do conceito de subsistência se entendia a produção de manufaturas, comércio e troca organizada segundo os princípios do artesanato. E é no artesanato que o espírito capitalista germina, onde alguns artesãos rebelam-se contra a economia de subsistência e só conseguem êxito com aval de seus pares.

Para Sombart, a Europa Medieval em todas as épocas esteve recheada de homens apaixonados pelo dinheiro. A riqueza sempre foi uma atração para o homem ocidental. E é a busca da riqueza que levou o homem ocidental a colonizar a América, destruir "civilizações" e saquear a África negra. A história do espírito capitalista remonta à luta do homem pela posse do ouro como forma de poder. O poder do rei, do príncipe, do nobre ou mesmo de um simples servo estava diretamente relacionado ao valor de seu tesouro. Mesmo a igreja, mantinha seu poder através de seu tesouro, que em época de guerra, sob bispos, tomavam-no emprestado para cunhar o soldo de seus defensores militar, o qual retornava não em forma de moeda, e sim, em forma de objeto de adorno sacro. Os germânicos eram um povo

desprovido de dinheiro e de prata, mas amante do tesouro. Os príncipes germânicos moviam-se pelo impulso do engrandecimento de seus tesouros. Do amor pelo ouro, pelas pedras preciosas e pela prata vem a paixão pelo dinheiro; e atrás dele o lucro e o juro, formas de acumulação de riquezas nominal, mas que é o poder real de mando sobre as riquezas reais. O empréstimo visando o juro, força a atividade econômica objetivando o lucro e como tal, o desenvolvimento do capitalismo. Mas o átomo do capitalismo se encontra no desejo de aumentar o tesouro nominal. O valor nominal é que está em jogo e não a quantidade real. O dinheiro como valor nominal substitui o entesouramento de metais preciosos, colocando-os em circulação facilitando o intercâmbio entre as unidades produtivas.

Com a monetização da economia a moeda (dinheiro) passa ser glorificado e almejado como forma de poder de mando das riquezas criada pelo homem. Cristovão Colombo, grande caçador de tesouro, numa das cartas dirigidas à Rainha Izabel de Espanha, faz sentir o poder do dinheiro quando expressa: "El oro es excellentissimo, con el se hace tesor y con el tesoro quien lo tiene, hace quanto quiere en el mundo y llega que echa las al paraíso". (Sombart. W. ; *Der Bourgeois*, p. 41). Colombo glorifica o capitalismo e antecipa Max Weber "A Ética do Protestantismo". O amor pelo dinheiro torna o trabalho universal de qual seja a profissão. O homem trabalha almejando o dinheiro, a "riqueza"; e esta pode ser entesourada para o futuro, pois quem tem tesouro, tem reserva de mando econômico, tanto é preciso economizar no presente para reservar o poder de mando econômico no futuro. Daí a origem da poupança, "sacro santa" da acumulação capitalista, e justificativa da desgraça do subdesenvolvimento. País sem poupança não tem como investir. País sem tradição de entesouramento não sabe como poupar. Então, é necessário que o entesouramento seja forçado, corta-se o consumo via contenção salarial, para que as unidades produtivas entesourem riquezas em forma de moeda, para investimentos futuros. Não existe mais espaço para homem nautral e sim para o homem capitalista.

Na sua obra "*Der Bourgeois*", páginas 46 a 67; Sombart expõe o que ele considera como os principais meios de enriquecimento. E esses meios de enriquecimentos são: a procura de tesouros, a herança familiar, a clientela, a usura, o serviço da corte, a guerra de pilhagem, a locação de tropas

(transporte), a alquimia. Mas os meios de enriquecimento que realmente influenciaram o desenvolvimento do capitalismo e que até o presente, preservando suas mutações, ainda se encontram na alma do capitalista são:

- 1º. - o enriquecimento por meios violentos;
- 2º. - o enriquecimento com a ajuda da magia;
- 3º. - o enriquecimento com a ajuda espiritual (invenção);
- 4º. - o enriquecimento com a ajuda dos meios pecuniários.

Segundo Sombart, a pilhagem "era" uma ação comum entre os povos europeus; principalmente entre os alemães, ingleses e franceses. Entre a ação de cobrança de impostos e pilhagem, a fronteira é tênue. E que esta não era ocasional, passando a ser mais uma instituição social européia. Sendo que os países marítimos como França e Inglaterra "legalizaram" a pilhagem através de seus corsários, que tinham como objetivo saquear os navios mercantes de seus inimigos.

A Europa como todo aprovou e legalizou a pilhagem feita pelos cavaleiros de Calatrava feita na América. Uma ordem religiosa e militar fundada em 1158, à Calatrava (Nova Castilha) pelos cavaleiros da Ordem de Cister (São Bento), a quem o rei de Castilha Sanche III deu a cidade de Calatrava, com a missão de defendê-la contra o assédio dos mouros, que no processo de centralização da Espanha, em 1489 é incorporada à coroa. É de Calatrava que partiram os "grandes conquistadores" da América; seria melhor dizer, os grandes pilhadores da América: Fernando Cortéz, nascido a Medellín (Estremadura, 1485-1547), que em 1521, destrói a organização política, econômica, militar e social do Império Azteca subjugando-o aos desígnios de Espanha e Francisco Pizarro, aventureiro espanhol nascido em Trujillo (1475-1541) Estremadura, que com ajuda de seus irmãos, "conquistaram" o Peru, também desorganizando o império Inca nos aspectos econômico, militar, social, político e cultural. Duas civilizações que passam a ser sistematicamente pilhadas em benefício da acumulação de capital na Europa. O interessante é que as duas civilizações detinham tesouros armazenados; o que aumenta o apetite dos europeus em pilhar outras civilizações. Extendendo a pilhagem legalizada e inclusive santificada pelas ideologias religiosas européia, a todos os cantos do globo. Na África, não havendo matérias nobres de fácil acesso, a pilhagem se dá

em termos humanos. Pilha-se o elemento humano com objetivo de torná-lo mercadoria e com isso obter o lucro para a acumulação de tesouro.

Cristóvão Colombo (Gênova-Itália, 1451 e Valladolid-Espanha, 1506), quando chegou em 12 de outubro de 1492 à ilha de Ghanahani (São Salvador), não vê na população da ilha pessoas pertencentes a uma civilização, e sim um conjunto de mão-de-obra a ser explorado em benefício da acumulação de riqueza, que seria melhor dizer do entesouramento. E a partir desse momento, a Europa organiza a pilhagem do mundo de acordo com a sua necessidade econômica, política, cultural e religiosa. E para justificar a ação de pilhagem, cria expressões como: colônia, protetorado, domínio, território sob tutela, condomínio e Estado associado. O mundo passa a estar a serviço da civilização européia. A civilização ocidental é a razão da existência do "homem civilizado", mesmo que seja a custa da pilhagem institucionalizada.

É indiscutível a importância do saque da América e da África para a emancipação do espírito do capitalismo. Com a descoberta da América e o fluxo de suas riquezas para a Europa, o homem natural europeu perde sua predominância dando espaço para o homem capitalista. O homem que não deseja que sua contabilidade seja de soma zero; e sim que seja de excedentes pecuniário para o entesouramento e dessa forma assegurar sua tranquilidade na velhice e manter sua virilidade da juventude através do mando do dinheiro. Mas outro meio de enriquecimento que influenciou e influencia o capitalismo, principalmente quanto à produção de bens de consumo, segundo Sombart, é a mágica. Mas não a mágica circense, mas aquela que se encontra na alquimia, precursora da química como ciência. O ouro e o tesouro exerceram uma profunda paixão nos povos europeus, principalmente entre os germânicos. Até o presente é possível ouvir "estórias" de tesouros enterrados durante as guerras que até o presente não foi encontrado; galeões espanhóis ou portugueses que se encontram no fundo dos mares, cheio de peças metálicas autênticas. Mas o desejo de conseguir o metal amarelo de manipulação em laboratório, fez com que a alquimia evoluísse para o estágio da química como ciência. E a ciência química é hoje um dos pilares (se não o principal) do sistema de transformação da matéria-prima em produto acabado com valor de uso. Sem ela, o capitalismo industrial não estaria no estágio

que se encontra. O mundo moderno se encontra no estágio de desenvolvimento tecnológico de hoje, graças a obsessão dos alquimistas em transformar o metal não nobre em metal para o entesouramento; pois ao redor dos alquimistas se reuniam outros pensantes preocupados em descobrir formas de domesticação da natureza, tal como expõe Sombart na sua obra: *Der Bourgeois*; tradução de Dr. S. Jankélévitch, pg. 53/54-ob, já cit.:

“On sait que certains alchimistes avaient acquis une grande célébrité et mis leus savoir à la disposition de princes. Les ‘Adeptes de cour’, comme souvent les ‘astrologues de cour’, constituent un phénomène caractéristique du XVI^e siècles: cela est vrai aussi bien de ‘l’echanteur’ de Cologne, Cornelius Agrippa, que de ces astrologues vénitiens quiétaient venus, au XVII^e siècles, tenter la cour de Vienne par leurs offres de ‘fixer’ le mercure. Joh. Joach. Becher donne toute une liste de ces alchimistes aventuriers de son temps: ‘Parmi les alchimistes de nos jour, qui passent; de l’avis unanime, pour des imposteurs et des sophistes, tels que Rochefort, Marsini, Croneman, Marsali, Gasner, Gasman, on peut également ranger ce (Jacobi de) la Porte qui se prétend à même de trouver des trèssors à l’aide de la Clavicula Salomonis. Ces ‘adeptes de cour’ avaient beaucoup de traits en commun avec une catégorie de gens qui avaient joué un grand rôle dans ce siècles de demi-obscurantisme et dont nous allons maintenant faire la connaissance: avec les ‘faiseurs deprojets’. L’étude de ceux-ci nous servira pour ainsi dire pont qui nous conduira de la ‘cuisine noire’ dans le cabinet directorial d’une banque moderne.”

Segundo Sombart, na obra *Der Bourgeois*, página 52, durante mais de mil anos, todo saber químico se resumia na alquimia, com um único objetivo, o de resolver o problema da fabricação de metais nobres. Mas que no século XVI, a febre de fabricação de metais nobres atinge seu ponto culminante, como descrita na passagem abaixo, extraída da mesma obra, pág. 53:

“A partir du XV^e siècle, l’alchimie este considérá uniquement à ce pointo de vue. A la grande colère des vrais ‘adeptes’, tout le monde se croit capable de manier le creuset, chacun veu se livrer à des manipulations, pour tenter la chance. Ecoutez cette painte: ‘Es will fast Jedermann ein Alchimiste heissen. Ein grober Idiot, der Jüger mit den Greisen. Ein Scherer, altes Weib, ein Kurtzweiliger Rat. Der

Kahl geschorne Mönch, der Priester und Soldadt. (Chacun vet maintenant passer pour un alchimiste: um irrémédiable idiot, jeunes gens et vieillards, barbiers, vieilles femmes, conseillers ridicules, moines à la tête rasée, prêtres et soldats). Et voilà autre témoignage: ‘chacun veut apprendre dans les écrits d’alchimie les procédés et artifices faciles, permettant de fabriquer en peu de temps le plus d’or et d’argent possible. C’est au XVI^e siècle que cette fièvre de fabrication de métaux précieux atteint son premier point culminant: la passion pour les écrits hermétiques avait alors envahi toutes les couches de la population. Du paysan au prince, tout le monde croyait à l’efficacité de l’alchimie. Le désir de s’enrichir rapidement, la contagion de l’exemple poussèrent tous et chacun à s’adonner à cette occupation. Dans le palais comme dans la chaumière, chez le pauvre artisan comme dans la maison du riche bourgeois étaient installés des appareils et dispositifs à l’aide desquels on cherchait pendant des années à obtenir la pierre philosophale. L’alchimie avait même réussi à vaincre l’obstacle que lui opposaient les murs des couvents: il n’y avait as alors un seus convent dans lequel ne fût installé un four destiné à la fabrication de l’or.”

Sombart vê no enriquecimento com a ajuda espiritual (invenção) o mundo de conhecimentos práticos do capitalista. A técnica a serviço da produção como meio de angariar riquezas para armazená-la. O homem usa de sua inteligência para vencer as barreiras naturais no afã de construir instrumentos de trabalho capaz de aumentar sua riqueza. É o conhecimento científico e técnico aplicados nos meios de produção, objetivando elevar e diversificar a capacidade produtiva do homem; é a “competição natural” (este motor violento que ajuda a sociedade se mover, e que o homem até o presente rejeita abdicá-lo). São os fazedores de projetos. Homens capazes de vender uma mercadoria que só se realizará no futuro, casos suas idéias estejam corretas; mas que o lucro advindo é compensatório. Vendedores de projetos capitalizados por sua capacidade de pensar. Os verdadeiros “empreendedores” ou reais membros de uma “intelligentsia”; parcela da sociedade que se dedica à ciência e a tecnologia.

Pode-se dizer que graças aos projetos de Dom Henrique, El Navegador, príncipe português, filho de João I de Portugal, nascido na cidade de O Porto (1394-1460), é que Colombo descobre as América e

Vasco da Gama chega às Índias Orientais em 1498, inserindo a Ásia, África e a América no contexto do “projeto capitalista” da Europa Ocidental. Projeto este que acelerou os avanços técnicos e científicos da Europa Ocidental, fazendo-a hoje uma das maiores exportadoras de ciência e tecnologia do mundo. Tal como coloca Sombart na sua obra “Der Bourgeois”, pág. 54 e 55.

“Dans un travail consacré à la technique de la p'leriode initiale du capitalisme, J'avai essayé de montrer combien l'époque de la Renaissance, plus particulièrement du baroque, fut riche en cerveaux inventifs, en homme à l'imagination féconde et débordante, en idées techniques de toute sorte. Or, ce remarquable don d'ivention, que nous trouvons d'ailleurs répandu dans toutes les couches de la population, ne s'appliquait pas aux seuls problèmes techniques. Il déborda dans le domaine de l'économie et dans les l'autres branches de la vie et engendra un nombre incalculable d'idées de réformes et de transformations ayant principalement pour objet les finances publiques, ainsi que la vie économique privée. Mais ce qui nous intéresse plus particulièrement sous ce rapport, c'est le fait suivant: une foule de gens avaient, pendant des siècles, fait métier de leur don d'invention, en vendant contre argent comptant leurs projets et idées plus ou moins réalisables. C'était une véritable profession, et il existait une “guilde” de faiseurs de projets ayant pour but de gagner à tels ou tels projets ou plans les princes, les grands et les riches du pays et d'en assurer ainsi la réalisation. Nous rencontrons de ces faiseurs de projets partout où il y a des personnes influentes: à la Cour, dans les Parlements; mais nous les voyons aussi vendre leurs projets en pleine rue, dans les marchés. Comme il s'agit là d'un phénomène excessivement important et qui, à ma connaissance, n'a encore été traité à fond par aucun historien, je donnerai ici quelques détails sur la diffusion et les particularités de cette catégorie singulière d'homme qui déjà de leur temps, avaient reçu le nom de (projeteurs) ... On trouve de ces 'projeteurs' dès XVIe siècle, plus particulièrement auprès des rois d'Espagne.”

Esta “intelligentsia pré-capitalista”, com seus conhecimentos e no afã de ficar rica, ou ter acesso ao tesouro do príncipe, contribuiu para a organização do Estado Nacional Capitalista Moderno, vendendo ao príncipe projetos de administração pública. como pode se entender da passagem abaixo

extraída da obra “Der Bourgeois”, pág. 55, em que temos:

“Il n'existait pas encore (à cette époque) de science ayant pour objet l'économie publique; on manquait même de connaissances et d'aptitudes que requiert une bonne administration financière; on voyait seulement surgir des individus qui gardaient comme un secret le résultat de leurs reflexions et méditations et ne consentaient à en faire part à d'autres que contre rémunération: sorte d'aventuriers et de dévoué, Florentins pour la plupart; c'est ainsi qu'un certain Benevento, qui avait offert à la Seigneurie de Venise d'augmenter considérablement ses revenus, sans imposer le peuple, sans changer grand'chose à la situation existant, et cela moyennant 5% sur les avantages que je procurerais’, jouissait d'une grande considération; l'Empereur Ferdinand l'avait appelé à sa cour; il s'était rendu également auprès du roi Philippe auquel il avait soumis un projet réellement avantageux. C'est sur ses conseils que Philippe avait acheté aux propriétaires de la Zélande le privilège de l'extraction du sel ...”.

Todos os Estados Nacionais Capitalistas em formação na Europa Ocidental considerou a “elaboração de projetos” como uma empresa capaz de angariar tesouros para o Estado. Havendo inclusive disputa entre as potências econômicas e políticas da época quanto à capacidade de “viabilizar projetos”, objetivando fortalecer os cofres do Estado. Tanto na França como na Inglaterra, durante o século XVII e parte do século XVIII, os “projeteiros” influenciaram na formação do espírito capitalista, inclusive na classe capitalista quanto à questão da dinâmica, sem a qual a classe capitalista corre o risco de não se renovar e o capitalismo dar passagem a uma nova forma de organização econômica, como demonstra a passagem abaixo, da obra “Der Bourgeois”, pág. 56/57, op. cit.:

“..., Defoe que connaissait son temps mieux que n'importe lequel de ses contemporains, appelle son époque ‘époque des projets’ et en fait remonter le point de départ à l'année 1680: ‘c'est en 1680 que l'art et le secret de la fabrication de projets se sont pour la première fois affirmés dans le monde’ (traduction peu exacte du texte anglais: ‘about the year 1680, the art or mystery of projecting began visibly to creep into the world’, le mot “mystery” étant ici employé par Defoe au sens d'industrie’). Il veut dire par là que jamais auparavant la passion

des projets et d'inventions de toute sorte n'avait sévi avec autant d'intensité: 'du mois en ce qui concerne les affaires commerciales et les administrations de l'Etat'... Dans un passage de son ouvrage, Defoe fait la remarque suivante: 'les Français son moins fertiles que les Anglais en inventations et expédients'. En quoi il se tromppe. On serait, au contraire, tenté de dire que la France est le pays classique des faiseurs de projets; à la même époque qu'en Angleterre, soit à partir du milieu ou de la fin du XVIIIe siècle et jusqu'à une phase très avancée du XVIIe, on y voit se dérouler même, en rapport avec le tempérament des Français, d'une façon plus dramatique et plus intensive. Et ceux qui connaissent bien l'époque dont nous occupon affirment précisément que, la 'passion d'inventer et de s'enrichir rapidement' avait commencé à servir en France dès les premières années du XVIIe siècle."

Esta "intelligentsia" pré-capitalista, ou melhor, capitalista no strictus sensus sombariano, procediam da camada da pequena burguesia não contente com a ordem econômica estabelecida, dominada pelos grandes burgueses em processo de acomodação, seja pela magnitude do tesouro angariado ou seja pela cronologias naturais. A velhice acomoda o homem de negócio. Processo de renovação capitalista que faz com que o capitalismo siga sua trajetória evolutiva, segundo a concepção de Sombart. O capitalista de hoje não é o mesmo de amanhã e difere do que foi o anterior. Um pequeno buguês, ou mesmo, um micro burguês, que via na capacidade intelectual ou nos seus conhecimentos o único "capital" disponível para apostar no sucesso ou desgraça de sua existência como um "cidadão honrado e respeitado" ou um "pária" de uma sociedade dominada pela competição natural. Um jogo, por mais racional empírico que seja o sujeito, com todos os cálculos mais frios que sejam, a sorte também contribui para o sucesso ou desgraça. Uma aventura em que seu final pode ser feliz ou a desgraça eterna, mas sempre almejando o sucesso na vida, que é a riqueza, o tesouro da felicidade, tal qual expõe Sombart em "Der Bourgeois", pág. 58:

"La plupart sont des pauvres bougres affamés qui n'ont pas de manteaus (ce qui les déclassé misérablement), mais sont pénétrés de foi. On les recontre juste au moment où ils viennent de trouver une idée de génie. Ils se glissent dans les antichambres, usent les seuils des aministrations publiques et tiennent des conversations

mystérieuses avec des femmes galantes. Leus aujourd'hui est misérable, mais leur demain est plein de promesses et de lumière. Ils sont intelligents, mais ont plus d'imagination que de jugement. Leurs idées sont souvent enfatines, bizarres, grotesques, extraordinaires, mais ils en développement les conséquences avec une précision mathématique. L'avis qu'ils donnent résume leur idée d'aujourd'hui: pour la communication de leur avis, pour la vente de leur idée ils obtiennent une rémunération qui s'appelle droit d'avis. Quelques uns ont eu des idées remarquables qui les ont enrichis (par exemple Tonti, l'inventeur de la tontine), d'autres ne font que végéter et sont exploités par d'autres, ayant moins d'imagination, mais plus de sens pratique et de relations et sachant où eut trouver l'argent nécessaire. On nous les décrit comme des gens inquiets, toujours aus aguets, toujours en éruption, comme des gens au regard perçant, aux doigt crochus, faisant toujours la chasse aux thalers. On trouve dans leurs rangs des inventeurs méconnus, des romantiques de l'action, des banqueroutiers coiffés de chapeau aux larges bords, des bohèmesd qui se sont évadés du milieu bourgeois et qui voudrait bien y rentrer, des gens audacieux et pleins de ressources qui grignotent leur croûte de pain das le coin d'un rôtisserie, dans l'attente de la dupe à écorcher, des aventuriers malpropres qui finissent leurs jours sur le fumier de la rue ou dans la peau d'un grand financier."

A paixão pelo jogo, pela incerteza, pela aventura, faz parte inerente do capitalismo. É o combustível da locomotiva capitalista. A outra parte, desta locomotiva em aceleração ascendente e rumo indefinido, é a parcimônia, a cautela, o cálculo frio, a racionalidde impírica da contabilidade, opondo-se ao cálculo emocional do empreendedor; do "entrepreneur" que com sua "razão subjetiva" objetiva-a na realização de seus empreendimentos. Sem os quais os avanços do homem são impossíveis. A união das duas "razões" forma a quarta parte de enriquecimento que contribuiu para a formação da mentalidade econômica capitalista, dando vida ao sistema financeiro, mola mestre da economia de propriedade privada.

Segundo Sombart, a partir do momento em que emprestar dinheiro a juro, deixa de ser uma ação "pecaminosa", o casamento entre a "razão empírica, fria e calculista, a razão contábil" e a "razão calculista empreendedora" se legitima. Ganhar dinheiro sem

"derramar suor na terra", simplesmente emprestando dinheiro para empreendimentos com direito de participação no lucro (juro) final, o espírito capitalista toma corpo independente do "espírito econômico do homem natural", tal como pode-se entender da passagem abaixo, de sua obra "Der Bourgeois", pág. 61:

"... le prêt d'argent a contribué de deux manières à la constitution de l'esprit capitaliste: 1. en faisant naître chez qui s'y livraient certains traits psychiques qui ont joué un grand rôle dans la formation de l'esprit capitaliste et exercé ainsi sur le développement de celui-ci une influence indirecte; 2. en fournissant un point de départ à l'entreprise capitaliste, ce qui a favorisé directement la naissance de l'esprit capitaliste. Ceci apparaît avec une évidence particulière dans les cas où l'argent est prêté à titre de crédit à la production. C'est alors que le prêt d'argent entre en contact intime avec l'entreprise capitaliste; on peut même dire qu'il l'engendre, par l'intermédiaire de l'entreprise de placement ("Verlagsunternehmung") ... La passion du jeu n'a pas moins contribué à l'éclosion de l'esprit capitaliste. A vrai dire, le jeu de dés et le jeu de cartes étaient plutôt de nature à le faire dévier de la ligne de son évolution et les loteries, dont la vogue s'était rapidement répandue à partir de la fin du XVIIe, ne pouvaient, à leur tour, favoriser cette évolution que dans une mesure insignifiante. On ne peut en dire autant du jeu de bourse qui, éclos au XVIe siècle. Contrairement, cependant, à ce qu'on croyait, le jeu de bourse n'est, par lui-même, rien moins qu'une manifestation de l'esprit capitaliste et, tout comme le jeu de dés et le jeu de cartes, il n'a rien à voir avec l'activité capitaliste proprement dite."

Pode-se entender, segundo Sombart, que o capitalismo é um "jogo" entre os homens que amam a riqueza como forma de justificar a razão do seu ser. O capitalista é o ser emancipado do "espírito do homem econômico natural". É aquele que não se contenta com a natureza tal como se apresenta, quer transformá-la no afã de obter o tesouro da felicidade, a riqueza. Não existe nenhuma atividade econômica sem a participação da "alma humana". É o espírito questionador do homem que

o faz mover-se diante a natureza e transformá-la em seu benefício, obrigando-o a criar instrumentos e meios de agir sobre o objeto, que é a natureza, de onde provêm as riquezas para o armazenamento de seu tesouro.

Werner Sombart é o terceiro cientista social alemão a estudar a questão do capitalismo e no seu caso, não somente o capitalismo como sistema econômico, mas também o homem capitalista. O homem econômico capitalista, que ao mesmo tempo pode ser sujeito e objeto de sua ação diante da natureza. O sujeito econômico dentro de sua integridade física, moral, intelectual e espiritual. O homem com toda sua complexidade psicológica, diante da sociedade globalizante e sua necessidade de individualização, possuía necessidade de ter o poder de mando através de instrumentos que lhe faça ser reconhecido pelos demais membros da sociedade. A riqueza como forma de assegurar a certeza do futuro comandando o comportamento de seus semelhantes no presente.

Num presente "incerto" e um futuro "duvidoso", dada a crise que ocorre no presente no pensamento socioeconômico da "Civilização Ocidental" em consequência dos avanços da ciência e da tecnologia que permite ao homem produzir excedentes (riquezas) nunca antes visto, permitindo que seu tesouro ao invés de trazer a felicidade, trouxe a angústia de ser destruído pelo "deus fetichista do saber", criado pelo próprio homem para sair do estágio da economia natural. O estudo das obras de economia política do cientista social Werner Sombart, enriquecerá o comportamento dos acadêmicos em ciências econômicas, dando-lhes mais segurança para entender o presente, analisando o passado para projetar o futuro, que é a função da economia política. Estudar a economia na sua dinâmica geral, política, econômica e socialmente e não estaticamente, como um produto acabado, uma receita de bolo a ser vendida nas bancas de jornais. Principalmente quando se trata da dinâmica do capitalismo, onde impera a junção do racionalismo empírico com o racionalismo dinâmico do "Homo Oeconomicus Psykhe".